

XII

CONCLUSÕES

Do estudo feito nas páginas precedentes, embora imperfeito e incompleto, conclui-se o seguinte:

Os relatos evangélicos são iniludivelmente claros em afirmar que o nascimento do Cristianismo é fato genuinamente espírita, porque o Fundador do Cristianismo não foi um homem de carne e ossos como os outros, nem um homem-deus, nem um deus-homem, como tentaram classificá-lo as Igrejas para explicar os fenômenos espíritas ocorridos com ele e então inexplicáveis por falta de conhecimentos da fenomenologia espírita, só estudada dezoito séculos mais tarde, mas foi ele pura e claramente um Agêner, o que significa: um Espírito materializado em plena luz, com toda a aparência de um homem normal.

Bem conhecido esse fato, hoje confirmado por muitos Espíritos, por intermédio de diversos médiuns, já não existem duas escolas, uma cristã e outra espírita, apartadas, mas somente uma única, o Espiritismo com dois nomes diferentes em duas épocas da História. Disso decorre a imperiosa consequência teórica de que não se pode ser cristão sem ser espírita, pois que a fundação do Cristianismo é nitidamente espírita; e, reciprocamente, nenhum espírita esclarecido pode negar o Cristianismo, porque este é fundamentalmente espírita.

De toda a argumentação apresentada contra esse ensinamento evangélico e espírita, nada infirma os relatos dos evangelistas nem as comunicações espíritas que confirmam tais narrativas, como vimos da argumentação dos opositores, raciocínios apenas e de ordem moral e de moral muito dúbia. Perma-

nece, pois, sólidamente de pé toda a teoria decorrente dos depoimentos dos evangelistas e dos Espíritos, teoria essa que possui tremenda força em favor do Espiritismo, porque demonstra — nunca é demais repeti-lo — que o Cristianismo é um movimento inicialmente e essencialmente espírita.

Conhecendo a Federação Espírita Brasileira a veracidade desses ensinamentos e o vigor decorrente dessa natureza espírita do Cristianismo primitivo, fica ela moralmente obrigada a defender esse ponto de Doutrina contra todos os ataques, sem, no entanto, pretender impor sua convicção às sociedades adesas, nem aos seus sócios.

Seria inconcebível, porém, que a Federação, plenamente convencida da importância capital desse ponto de Doutrina que ela defende há sessenta e cinco anos, viesse um dia a retroceder, contra a orientação de seus Guias, embora haja espíritas de grande inteligência que não apreendam a significação imensa desse ponto. Há igualmente homens de superior instrução que não aceitam o Espiritismo, que nunca o julgaram digno de estudo sério, paciente, profundo. Assim são os espíritas que não aceitam esse ponto de Evangelho hoje confirmado pelo Espiritismo; não lhe compreendem a importância teórica, porque ainda não meditaram seriamente sobre o assunto.

Dizia-nos um deles que lhe era indiferente o assunto, porque de Jesus só lhe interessava a Doutrina e não a personalidade, nem a natureza do corpo. E' evidente que nessa opinião reina a mais absoluta inconsciência, porque um espírita não pode ser indiferente a uma série de fenômenos espíritas que agitaram todos os povos do Ocidente e transformaram o mundo, deram outros rumos à Humanidade, iniciaram nova civilização, como sucedeu

aos fatos espíritas que iniciaram a era cristã. Ainda não houve no mundo outro acontecimento tão importante como o nascimento do Cristianismo, e reconhecermos que tal nascimento foi produto de uma série de fenômenos espíritas que se produziram durante três anos consecutivos, numa colônia do Império Romano, significa elevar o Espiritismo à culminância que lhe pertence, como processo por excelência da Revelação Divina, de tudo que de mais alto e sublime o homem da Terra pode receber do Alto.

E' tão irrefletido quem nega mérito ao estudo desse ponto de nossa Doutrina, como aqueles outros que negam significação ao Espiritismo e ao Cristianismo.

As divergências de opiniões que determinam discussão, estudo, reflexão, sejam de natureza doutrinária ou de organização, não devem ser temidas, porque evitam estagnação e indiferença. Temer devemos só a padronização absoluta de uma ortodoxia indiscutível, porque seria a estagnação do pensamento, sua fossilização e improdutividade. A Igreja de Roma queimou seus hereges, colimando uma padronização perfeita; mas o que conseguiu foi descer sua literatura a tal mediocridade que seus fiéis não a lêem e se desinteressam de todos os temas religiosos.

Concluamos, pois, que nada existe mais digno de ser estudado, esclarecido e demonstrado a todos do que esse ponto de Doutrina que funde o Cristianismo com o Espiritismo, evidenciando que o Fundador do Cristianismo foi um Altíssimo e Poderosíssimo Espírito que se manifestou como um Agêner, materializando-se muitas vezes para cumprimento de sua missão, durante um período de três anos, conhecidos como a vida pública de Jesus de Nazaré.

Apêndice